

Revista *Átimo* - Dossiê Rua (Fechados, Arruar e Vazio)

Antonio Magalhães Porto LIRA¹
Caroline Maria Barreto de MELO²
Eric de Santana FERREIRA³
Igor Mariel Alves de Queiroz e SILVA⁴
Igor Ruann Nóbrega de MEDEIROS⁵
Kamilla Rogge dos Reis MONTEIRO⁶
Mário Augusto Oliveira Monteiro ROLIM⁷
Márlon Diego de OLIVEIRA⁸
Suzana Maria de Sousa MATEUS⁹
Thiago SOARES¹⁰

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo esclarece o processo de construção de três edições do veículo *Átimo*, revista laboratório da disciplina de Revisão e Edição de Originais, ministrada pelo professor Thiago Soares, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. "Arruar", "Fechados" e "Vazios" são os três produtos analisados. Todos eles possuem abordagens distintas, mas relacionadas, sobre o mesmo tema: as ruas. Tendo por base o livro *A Alma Encantadora das Ruas*, do escritor João do Rio, Arruar discute como a verticalização influi na paisagem urbana, Fechados examina a vida nas vias fechadas dos condomínios e Vazio investiga a solidão e a angústia presentes nas ruas.

PALAVRAS-CHAVE: *Átimo*; Rua; Arruar; Fechados; Vazio.

1 INTRODUÇÃO

A Revista *Átimo* foi produzida por alunos do 6º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na disciplina de Edição, com orientação do professor Dr. Thiago Soares. Através dela, surgiram as edições Arruar, Fechados e Vazio que analisam a dinâmica de ocupação/desocupação do espaço público através de temas que, inicialmente, não teriam espaço na mídia convencional.

¹ Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: toninholira@gmail.com.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: carolinebmelo@hotmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: ericferreira33@hotmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: igorqueiroz88@gmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: igor.ruann@gmail.com .

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: kamillarogge@hotmail.com.

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: marioaugusto1993@hotmail.com.

⁸ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: marlondiego17@gmail.com.

⁹ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: suzanamateus09@gmail.com.

¹⁰ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPE, email:thikos@gmail.com.

As publicações tentam fugir do jornalismo pré-moldado que é feito atualmente. Dessa forma, se aproxima da linguagem dos cadernos especiais dos grandes jornais em circulação, nos quais o jornalista pode interpretar com mais calma a realidade social e contextualizar os fatos de modo a confirmar ou refutar uma tese.

A prerrogativa é ir a campo e deixar um pouco de lado o ambiente da redação. Nesse contexto, o nosso grande local de pauta é a rua. Muito mais que um local de passagem, a rua sempre foi um espaço de convívio social. É lá que as pessoas de regiões, classes, idades, crenças e profissões distintas se conhecem, param para conversar ou simplesmente se cruzam.

O pontapé inicial para a escolha do tema foi o livro “A Alma Encantadora das Ruas”, escrito pelo cronista carioca do século XXI João do Rio. Apaixonado por esse espaço, João do Rio estudou sua função social e reconheceu esse papel de convívio. No livro, ele diz discordar das definições atribuídas à rua pelos dicionários, que a descreve basicamente como um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. "Mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!" (DO RIO, 2012, pág. 29).

2 OBJETIVO

Geral

Criar uma revista que observe como as pessoas têm ocupado e vivido a rua ao longo do tempo.

Específico

Verificar através das edições Arruar, Fechados e Vazio como a relação entre a sociedade e a rua se modificou.

Analisar como a ocupação atual da rua difere do passado e buscar locais e grupos que resistem à tendência atual de separação da rua e mantêm a tradição de aproveitar o espaço público na companhia de amigos e familiares.

Buscar entender como se dá a relação entre as pessoas e as ruas em espaços fechados, como condomínios.

Apontar alguns fenômenos decorrentes do abandono das ruas ou do desinteresse de seus frequentadores, como o isolamento, a violência, o descaso com a arte e o surgimento de lendas urbanas.

3 JUSTIFICATIVA

O crescimento das cidades é um dos principais fatores para o afastamento das pessoas das ruas, hoje em dia cercadas de indiferença, de insegurança, do medo, do cansaço, da angústia. A contemplação e a convivência no espaço público se esvaem com a pressa que as atividades cotidianas demandam. A rua passa a ser vista apenas como passagem para nosso destino. A partir desse vasto campo de interação social, a série aborda as micro e macrodinâmicas das ruas na atualidade.

Cada publicação discute um aspecto da ocupação do espaço urbano, aspectos esses que se entrelaçam e se explicam. Vazio reflete sobre a solidão das ruas. Seja a solidão que se manifesta numa rua vazia ou aquela que se mostra quando tantas pessoas dividem a mesma via sem com isso dividir a mesma vivência. A partir dessa ideia, Arruar observa como a verticalização tem mudado a relação das pessoas com a rua, além de outras formas de alteração do espaço público e da extinção do hábito de sentir a cidade. Morando em prédios cada vez mais altos, as pessoas acabaram se isolando dentro de suas casas. Mesmo cruzando com os vizinhos nas áreas comuns dos edifícios, a relação não é a mesma de antigamente.

Fechados investiga a tendência de se isolar da cidade, seja em condomínios de luxo, conjuntos residenciais populares ou ruas “particulares”. Consideramos importante compreender quais as causas dessa nova configuração de moradia e quais suas consequências na relação das pessoas com o espaço público.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Arruar

Na produção do caderno “Arruar” a equipe de reportagem procurou apurar a forma com que a ocupação atual da rua difere daquela de anos atrás e buscar locais e grupos que resistem à tendência atual de separação da rua, que mantêm a tradição de aproveitar o espaço público na companhia de amigos e familiares. Sob pontos específicos de situações vividas nas ruas, as reportagens procuraram expor e esclarecer os motivos pelos quais houve mudanças na relação entre pessoas e as ruas.

Além da leitura do livro “Arruar” de Mário Sette, a obra “Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos”, da pesquisadora do Departamento de Arquitetura da UFPE, Lúcia Leitão, também nos ajudou a compreender o processo histórico de ocupação do espaço.

Foi entrevistado o professor de arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco Tomás Lapa para entender melhor a função da rua e as mudanças sofridas na sua forma de ocupação com o passar do tempo. Na mesma conversa, foi possível questionar como a verticalização tem interferido nessas mudanças. Além disso, entrevistamos o corretor NOME para descobrir quais os bairros do Recife têm recebido o maior número de construções. Com essa base referencial finalizada, fomos à rua para observar sua dinâmica e conversar com seus transeuntes.

Fechados

Na construção do caderno “Fechados”, foram utilizados seis gêneros textuais: Editorial, Entrevista ping-pong, Relato em primeira pessoa, Reportagem, Perfil e Crônica. Já o projeto gráfico desse produto impresso também privilegiou a experimentação. Em determinados momentos, inclusive na capa do dossiê temático, deu-se preferência a um layout mais clean, com o emprego de poucos elementos textuais e imagéticos e muitos espaços sem preenchimento. Visando ao bem-estar do leitor, foi escolhido um tamanho de fonte maior do que o que se encontra em publicações tradicionais.

Com relação à perspectiva editorial que perpassa todos os textos do produto, pode-se afirmar que ela se afasta de uma personalidade sisuda e tenta se aproximar de uma linguagem mais coloquial, dando ênfase à adoção de uma perspectiva experimental. Como exemplo, pode-se apontar a preservação de marcadores da oralidade nas entrevistas e falas de personagens ou fontes nas reportagens. Também se pode trazer como exemplo a exposição do próprio *modus operandi* da construção de alguns dos textos do produto.

Vazio

Para a construção do caderno “Vazio”, foi utilizado o método da observação participante, por meio da qual o pesquisador partilha do cotidiano de um determinado grupo ou personagem. O objetivo foi se aproximar ao máximo dos objetos e pessoas reportados, para falar com profundidade das histórias que eles carregam e de como elas se relacionam com a temática em questão.

Além dessa imersão, foram usadas pesquisas bibliográficas, vídeos acadêmicos e jornalísticos sobre história, abandono e urbanismo que ajudaram a embasar a construção do trabalho. As entrevistas foram semi-estruturadas, ou seja, pouco formais e baseadas em diálogos cotidianos. Tanto as fotografias quanto os textos foram editados pelo grupo junto com o professor orientador.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Arruar

O dossiê Arruar é construído, sobretudo, de reportagens. Utilizamos também o gênero entrevista para dar destaque a declarações do professor Tomás Lapa que, a princípio, seria apenas a “voz de especialista” na matéria principal da publicação. Algumas informações fornecidas pelo professor também ganharam destaque diferenciado e foram usadas para construir uma linha do tempo que mostra a função das ruas de acordo com cada período histórico.

A reportagem principal aborda a mudança da função social da rua com o passar do tempo e explica como a verticalização tem acentuado o afastamento das pessoas desse espaço de convívio interpessoal. No mesmo texto, apresentamos a situação da especulação imobiliária no Recife e o crescimento dos arranha-céu, uma realidade que vai de encontro àquela mostrada nas matérias iniciais. No fim da matéria há um poema sobre a relação verticalização-isolamento.

A mudança de ambiente fica perceptível ao leitor apenas observando as fotografias de cada reportagem. Nas primeiras, onde são retratados grupos de pessoas que mantêm a tradição de ocupar a rua, colocar cadeiras na calçada para observar o movimento e conversar com os vizinhos, as fotografias parecem mais calorosas. Tentamos capturar detalhes, como os pés simples dos homens da Praça dos Amigos, o improvisado na placa (de papelão) que marca o espaço de convivência entre eles, e a peladinha no asfalto da rua Doutor Machado.

Já na matéria principal, a intenção é deixar o aconchego e beirar o desconforto. Optamos por usar mais material fotográfico que mostra, em geral, que a verticalização parece padronizar a paisagem dos bairros que são tomados por prédios. O isolamento dos apartamentos, que perpassa todo o texto, é ilustrado através de fotografias que deixam claro

que, ao mirar o céu, o homem vai se distanciando do que há no solo. É justamente essa a ideia que move a ilustração da capa. Inspirada em uma fotografia de dois arranha-céus, num ângulo de visão de baixo para cima, pensamos em usar o espaço do céu (uma fina linha entre os dois grandes edifícios) como uma rua. A ideia é mostrar essa inversão de valores advindos da verticalização e fazer um convite ao leitor: venha arruar!

Após o bloco da revista que trata das consequências da verticalização no convívio das pessoas com o espaço público, há um ensaio fotográfico sobre o abandono da Rua da Aurora, cartão postal localizado no Centro do Recife. constante tema no meio midiático nos últimos meses, já que projetos de iniciativa pública têm incentivado a população a ocupar o espaço, em contraste à falta de cuidado da gestão municipal com a via. Junto às fotos, há trechos de poemas escritos por poetas pernambucanos sobre a rua em seus tempos áureos.

Por fim, optamos por reproduzir um trecho da primeira crônica do livro “Arruar”, “De fora de Portas ao Atêrro da Boa-Vista” com a intenção de reforçar convite à atividade de arruar, desta vez feito pelo próprio autor. A contracapa da revista simboliza o abandono às residências em detrimento aos edifícios.

Fechados

Feita em estúdio fotográfico com o auxílio de brinquedos de madeira, a foto de capa mostra uma edificação totalmente isolada do resto do mundo, com cores fortes e levemente surreais, evocando a ideia de uma moradia hermeticamente fechada e fora da realidade, o que perpassa todo o caderno.

O aspecto do índice é bastante clean, ou seja, espaços em branco foram deixados na página propositalmente, com o intuito de dar certa leveza ao início da leitura do material. Seguindo essa mesma proposta, utilizamos a imagem de um cadeado feita em estúdio. O sumário também está dividido em dois blocos – Condomínios e Ruas Fechadas – reproduzindo a estruturação do próprio caderno em torno de dois grandes eixos dentro do tema principal.

O primeiro texto é a entrevista “O abandono da luta por mais segurança”, com o arquiteto e sociólogo João Gilberto de Farias. Nela, buscou-se dar uma perspectiva diferente sobre a crescente necessidade que os moradores de grandes cidades sentem de se enclausurar, abdicando da própria liberdade.

Já o perfil “O relevo de um gigante” aborda o condomínio Ignêz Andreazza através de sua “paisagem humana”, traçando um perfil de quatro moradores com personalidades, origens e relações com o local bastante diferentes.

O relato “Ladrilhadas com pedrinhas de brilhante” fala de uma visita ao condomínio de luxo Evolution Shopping Park, guiado por uma representante da construtora do local. Relatado em primeira pessoa, o texto utiliza imagens de teor bastante metafórico, com legendas que são fragmentos do próprio relato e que potencializam as metáforas presentes no conteúdo imagético.

“Domingo no Parque” é outro relato sobre Evolution Shopping Park, dois dias após à primeira visita. No entanto, o objetivo desta incursão foi diferente: conversar com uma família que vive no local. O texto, também em primeira pessoa, dá ao leitor a sensação de estar lendo uma entrevista ping-pong em forma de relato pessoal.

A reportagem “Um interior no coração da metrópole” aborda duas ruas fechadas do Recife: a Rua Bulandy, na Várzea, e a Rua Gil Carneiro Cunha, em Casa Forte. O texto, buscar mostrar o porquê daquelas ruas terem sido fechadas e a escolha dos moradores que optaram por morar nelas.

Na entrevista “Se uma rua é pública, todos podem entrar e sair”, o chefe de operações da Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano da Prefeitura do Recife, Anísio Aziz, explica o que diz a lei sobre o processo de fechamento de uma rua e o que a Prefeitura da cidade está fazendo a respeito do assunto. Uma ilustração, sobre a qual a foto de Anísio foi aplicada, também reflete o conteúdo visto na entrevista.

“Rua aberta para o lazer” é uma reportagem sobre uma via também fechada por moradores. Mas, desta vez, o motivo para esse fechamento não foi a busca mais segurança e, sim, a busca por mais lazer. Um projeto da Prefeitura do Recife fecha a rua durante os finais de semana para que crianças e adultos possam aproveitar o espaço de maneira lúdica. Também aqui, o material imagético e suas legendas se aproximam daqueles encontrados em um jornalismo cotidiano.

Por último a crônica “Estranhos no paraíso” aborda a singular sensação de se andar em uma rua fechada de uma grande cidade, vista através dos olhos de uma pessoa que sempre morou em prédios. Através de observações e reflexões de cunho levemente onírico, o texto evoca sensações de estranheza, encantamento e alienação.

Vazio

O caderno especial “Vazio” foi assim nomeado por abordar temas relacionados ao esvaziamento das ruas, das pessoas e do espaço social, além de se aventurar pelas marcas do sobrenatural presentes em lendas urbanas. A busca pelo vazio se manifesta desde a capa do produto que traz a fotografia da Rua Tomazina, no Bairro do Recife, uma das vias mais degradadas da localidade.

O primeiro texto é uma reportagem que tem como personagens principais as ruas Velha, da Alegria e da Glória, no bairro da Boa Vista. A reportagem fala da decadência das ruas e do esvaziamento de sentido de sua história. Dessa forma, as páginas ganharam tons amarelados, envelhecidos e títulos que remetem a ligações afetivas – “Irmãs” – e a degradação observada nos espaços que se tornaram personagens das matérias – “Queda dos Sobrados” e “Declínio da Boemia”.

O segundo texto, uma crônica chamada “Indiferença”, apresenta fotos em P&B sobre uma página preta. Nas imagens, pessoas desconhecidas passam umas pelas outras sem manter contato. As fotografias foram descoloridas para entrar em harmonia com o projeto gráfico da página, que é marcado pelo contraste entre o preto do fundo e o branco da superfície.

O texto seguinte traz perfis de dois artistas que se opõe entre si e que juntos ajudam a atenuar a solidão das ruas. Duas fotos coloridas dos personagens se destacam na página branca como se os retratados dessem mais cor e alegria à rua, ideia que é o tema central da reportagem. Essa sensação dá lugar novamente ao escuro no quarto texto. “Noturno” é um ensaio fotográfico que mostra o vazio das ruas do centro histórico do Recife. O preto, que predomina nas páginas do ensaio, é contraposto pelo vermelho das letras e da numeração das páginas. Esse jogo de cores faz o projeto gráfico ser bastante chamativo e ao mesmo tempo sombrio e escuro.

Sem contorno, as fotografias parecem brotar da escuridão. Todas elas denunciam o vazio e nascem do noturno. Na terceira página do ensaio, nos deparamos com três imagens onde são exploradas as figuras geométricas. Na página seguinte, a relação que se estabelece entre as fotografias se dá a partir da luz, que é comum em todas elas.

No próximo texto, a escuridão presente no ensaio dá lugar ao branco. O perfil “Nocinha” apresenta a história de uma senhora solitária que encontra refúgio nas lembranças afetivas construídas na rua onde mora. A fotografia utilizada no início do texto mostra a personagem de costas sobre o fundo verde de um jardim. O fato de não vermos a face da idosa, de não conhecermos a sua identidade, concede a imagem um tom de mistério

que é ampliado pelo desfoque da foto. Ao olhar para o registro, é como se estivéssemos diante de uma paisagem borrada e trêmula, que faz referência a aspectos da memória.

O sexto texto, “Assombradas”, investiga as lendas urbanas que rodeiam as ruas recifenses. Por conta disso, seu projeto gráfico é preto e ilustrado com figuras de Célio Rocha que remetem ao sobrenatural. O layout transmite uma sensação sombria e misteriosa que ganha força através da escuridão que toma conta das três páginas de texto. Na última lauda, um boxe traz mais curiosidades sobre as histórias mal assombradas que permeiam o imaginário popular.

O caderno termina com uma página amarelada, da mesma cor do céu mostrado na foto da capa. Não tem elementos gráficos, tampouco textos ou fotos. Exibe apenas o vazio. O mesmo que intitula o caderno.

6 CONSIDERAÇÕES

Com as três edições de *Átimos*, aqui avaliadas, foi compreender a rua, através de vieses interdependentes. As três edições, embora possuam abordagens aparentemente bastante diferentes, interagem entre si, pois tratam da ocupação, ou da falta de ocupação das ruas, algo que parte da própria relação que as pessoas carregam com esses espaços. Os trabalhos procuraram ter uma visão que vai além do óbvio sobre os motivos que levam as pessoas a se isolarem e abandonarem as ruas ou transformar as próprias ruas em um isolamento particular.

Motivos como falta de segurança pública, falta de planejamento urbano e verticalização estão presentes nas reportagens, mas o que se percebeu é que não são só essas as causas desses fenômenos. Com a produção dos textos, pode-se analisar e propor maneiras de rever a relação que se tem hoje com a rua, através não só de propostas para mudar a logística atual, mas de uma visita ao passado, revisando a história que as pessoas guardam com aqueles lugares.

As ruas foram compreendidas e analisadas através de seus moradores. Foram tratadas não apenas como espaços por onde pessoas trafegam, moram, ou abandonam, mas como organismos pulsantes, por vezes até personagens dos textos. O formato em que os trabalhos foram realizados permitiu uma grande variedade de conteúdos, o que enriqueceu a abordagem dada ao tema.

Com a possibilidade de fazer textos que se aproximam mais da literatura contrastando com formatos tradicionais, como é o caso de entrevista pingue-pongue, pode-se compreender o fenômeno de forma mais abstrata, mas sempre com um pé na realidade, estabelecendo um compromisso com o jornalismo factual, o que serve para corroborar ainda mais o que foi refletido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, Iana Ludermir. **Para morar no centro histórico**: condições de habitabilidade no Sítio Histórico de Boa Vista no Recife. Recife, 2011. Dissertação (mestrado) – UFPE, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em desenvolvimento urbano, 2011.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos**. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1951-1966.

FREYRE, Gilberto. (2000). **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro, Topbooks.

LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil**: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2009.

LINS, Osman. **Os gestos**. São Paulo: Moderna, 2003. 4ª edição.

MADUREIRA, Sevy. **Bairro do Recife**: a revitalização e o porto seguro da boemia. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1995.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2051. Acesso em 12 dez. 2013.

SETTE, Mário. **Arruar** - História Pitoresca do Recife Antigo. Rio de Janeiro, 1948

VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 3 ed. Recife: Coleção Recife, 1984.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo, Editora Vozes, 1978.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses Cruzados** – a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas** – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo, Unicamp, 1995.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo, Contexto, 2003.